

COMPILAR INFORMAÇÕES DE FONTES ABERTAS NÃO É OSINT

Por Olivier Dujardin*



Cyberlearning.ro

A farta disponibilidade de informações sobre a guerra na Ucrânia pode levar a crer que qualquer um pode se tornar analista de OSINT; no entanto, coletar informações é uma coisa, mas transformá-las em inteligência utilizável é outra bem diferente.

OSINT (*Open Source Intelligence*) é o desenvolvimento de inteligência a partir de fontes abertas. Deve-se admitir que os meios de comunicação modernos e as redes sociais disponibilizam uma enorme quantidade de dados que todos são livres para usar e explorar como quiserem. Essa riqueza de informações quase ilimitada é cada vez mais usada para derivar informações acionáveis, dependendo da área de interesse buscada.

Essa abordagem em si não é nova. Os serviços de inteligência sempre fizeram uso extensivo de fontes abertas (imprensa, televisão, rádio etc.) e pode-se estimar que mais de 90% da informação que produzem vem, pelo menos parcialmente, de fontes abertas. No entanto, qualquer que seja sua origem e natureza, a informação deve seguir um processo específico antes de se tornar inteligência utilizável.

Desde 24 de fevereiro, com o ataque à Ucrânia pela Rússia, um grande número de pessoas começou a coletar as informações divulgadas nas redes sociais e cada uma faz sua pequena análise OSINT da situação. É preciso dizer que esta é a primeira vez em um conflito que tanta informação é disponibilizada nas redes sociais, e dá a impressão de que qualquer um pode se tornar analista de inteligência de OSINT. No entanto, coletar informações é uma coisa, mas processá-las adequadamente e transformá-las em inteligência é outra.

TRANSFORMANDO INFORMAÇÃO EM INTELIGÊNCIA

O trabalho de transformação requer diferentes passos que é importante respeitar se quisermos, tanto quanto possível, evitar ser manipulados.

- **Avaliar a fonte:** este é o primeiro passo: qual é o valor da fonte da informação? Quando você mesmo é a fonte ou ela vem de seus próprios meios técnicos, é mais fácil porque você normalmente conhece os limites. Na maioria dos outros casos, aprendemos a avaliar a qualidade das fontes ao longo do tempo, como a imprensa, determinados *sites*, fontes humanas etc. Mas é outra coisa quando se trata de uma postagem aleatória retirada da internet. Em geral, a menos que a pessoa seja identificada ou a conta tenha sido seguida por muito tempo, é impossível avaliar;
- **Avaliar a informação:** a qualidade de uma fonte não necessariamente implica em qualidade de informação. Uma fonte não confiável ainda pode fornecer informações corretas e uma fonte geralmente boa também pode fornecer informações ruins. Portanto é preciso estimar a credibilidade da informação: é plausível em relação ao contexto? Por exemplo, em uma imagem de satélite, se vemos uma aeronave de combate em um campo, fora de qualquer instalação aeronáutica, podemos razoavelmente dizer que ela não está operacional ou que é uma isca;
- **Cruzar informações:** é uma forma de confirmar informações usando outra fonte. No entanto, deve-se ter o cuidado de verificar se a “outra fonte” simplesmente não repete a mesma informação. Isso é algo muito comum hoje em dia e às vezes é difícil encontrar a fonte original, pois a internet e as redes sociais permitem a rápida divulgação de notícias. Voltando ao exemplo anterior, se obtivermos fotos tiradas no local mostrando uma aeronave de combate implantada em um campo que foi convertido em aeródromo improvisado, isso transforma o valor da informação que era, até então, considerada inconclusiva;
- **Contextualizar e dar um passo atrás:** a informação sempre ocorre em um determinado contexto e deve ser espelhada em relação à situação. Continuando com o exemplo utilizado, se percebermos que as imagens utilizadas para cruzar a presença de uma aeronave de combate em um campo são todas fornecidas pela comunicação oficial do Estado que sustenta a ideia de que sua aviação ainda está operacional apesar da destruição de suas pistas, isso permite modular a importância do fato noticiado. De fato, pode ser uma simples manobra de comunicação destinada a tranquilizar a população e enviar ao adversário a mensagem de que ele não conseguiu neutralizar sua força aérea. Acabamos, portanto, com uma informação verdadeira que não tem interesse real muito importante porque alimenta principalmente uma narrativa de comunicação;
- **Levar em conta possíveis vieses:** esse é o elemento mais difícil de dominar porque afeta as opiniões e valores do analista. Instintivamente, tendemos sempre a dar mais importância às informações que vão na direção de nossa própria opinião e/ou a acreditar mais prontamente nos elementos de linguagem fornecidos por aqueles de quem tomamos partido. Outro elemento

a ter em conta é o risco de ser influenciado por uma comunicação bem controlada, especialmente quando um lado divulga muito mais informação do que o outro. Podemos ver isso muito claramente na guerra na Ucrânia, onde as fontes de Kiev representam a maior parte do que nos é comunicado. O fenômeno foi intensificado pelo banimento da mídia russa (*nota do tradutor: a mídia russa foi banida na Europa*). Existe então um risco significativo de obter uma visão totalmente distorcida da realidade dos fatos e, portanto, fazer interpretações errôneas;

- **Cuidado com as interpretações:** essa é uma consequência direta dos preconceitos mencionados acima. Um analista pode ser muito facilmente seduzido por uma explicação que se adapte às suas opiniões, crenças ou expectativas, mas que não representa necessariamente a realidade. Por exemplo, no início do conflito, dizia-se que os pneus dos veículos russos eram de má qualidade porque muitas imagens os mostravam com pneus furados. De fato, muitos veículos russos se encontraram nessa situação, mas será que devemos deduzir que o problema são os pneus? Também circularam nas redes sociais imagens mostrando ucranianos jogando nas estradas triângulos de metal que podiam perfurar pneus, mas essa informação não foi repetida. Provavelmente foi moralmente mais confortável acreditar na lenda dos russos usando pneus chineses de má qualidade do que observar a simples consequência de dispositivos que perfuravam pneus (observe-se que não se falou mais dos pneus dos veículos russos). Encontramos regularmente o mesmo tipo de conclusão precipitada quando se trata de equipamento militar russo, sejam helicópteros de combate, aeronaves, artilharia etc. Se de um lado podemos compreender a necessidade de tranquilização com uma interpretação de fatos que vá de encontro à esperança de uma rápida derrota russa, o trabalho de análise deve permanecer neutro e desprovido de emoção. O objetivo é obter uma imagem da situação o mais próxima possível da realidade, mesmo que essa imagem não nos agrade.

Se as informações coletadas não seguirem esse processo, há riscos significativos de que a análise resultante desses elementos seja errônea e apenas dê uma visão distorcida da realidade. Desde que diga respeito apenas ao público em geral, as consequências são limitadas; mas, quando esse ruído midiático se torna muito importante e acaba influenciando decisões políticas, torna-se muito mais perigoso e pode trazer sérias consequências para um Estado.

O CASO DO SITE ORYX

O site ORYX (<https://www.oryxspioenkop.com>) lista as perdas materiais no teatro ucraniano, documentadas por imagens ou vídeos. O site esclarece: só é referenciado equipamento militar cuja perda seja atestada por imagens, podendo mudar o estado atribuído a um veículo (abandonado ou capturado). Um veículo abandonado pode muito bem ser recuperado mais tarde; um equipamento capturado pode ter sido destruído ou recapturado mais tarde. O site alerta ainda que as perdas referenciadas não são exaustivas, que tem o cuidado de evitar duplicidades e que são tomadas precauções relativamente à informação recolhida.

Apesar das limitações do exercício, reconhecidas pelos autores do trabalho de compilação, as avaliações elaboradas servem como referência para praticamente todos os comentaristas e destes dados são tiradas algumas conclusões sobre perdas humanas, valor do equipamento e capacidades de combate, tanto russas quanto ucranianas.

O que podemos dizer sobre este trabalho?

- Quanto às fontes: são díspares, múltiplas e muitas vezes anônimas; portanto, sua qualidade não pode ser avaliada;
- As informações fornecidas pelo site são consistentes com o estado de guerra vigente e a intensidade dos combates. As perdas são significativas, o que faz sentido em um confronto de alta intensidade;
- Algumas das perdas são recuperadas, mas trata-se principalmente de equipamentos de alto valor, como aeronaves; porém, na maioria dos casos, as fontes são únicas (uma única foto).



Foto de um T-72 russo destruído.

- A contextualização às vezes é plausível pela data da imagem e se é possível determinar a localização. Nesse caso, permite que as baixas sejam vinculadas a batalhas específicas ou avanços documentados de outra forma. No entanto, a maioria das perdas referenciadas não permite uma contextualização séria. As datas correspondem a quando as fotos foram feitas e não às da destruição do equipamento, as posições raramente estão disponíveis e os ângulos de tomada das imagens raramente permitem recuperar a posição geográfica;
- Em relação aos vieses, vários elementos devem ser considerados. Primeiro, a grande maioria das fontes são ucranianas. Isso significa que são potencialmente não neutras, podendo resultar em representação excessiva de equipamento russo destruído (preferimos mostrar as perdas do inimigo ao invés das nossas), mas também a uma atribuição errônea (voluntária ou não) da origem do equipamento: isso é bastante fácil, dado o fato de que ucranianos e russos usam

muitos equipamentos idênticos e que algumas unidades terminam em um estado que realmente não permite identificação. Há também, sem dúvida, casos de falsificações deliberadas: pintar um “V”, um “Z” ou um “O” com tinta branca para atribuir mais uma derrota ao inimigo não é algo muito complexo de se fazer. Também é possível que haja, por parte dos autores do site, um desejo de completude que pode levá-los a apresentar involuntariamente o mesmo material várias vezes. Por exemplo, a destruição de certos tanques é ilustrada apenas por uma torre destruída: não se pode excluir a possibilidade, portanto, de que o corpo do tanque também seja referenciado como outra perda. A mesma coisa ocorre com imagens tiradas de ângulos completamente diferentes em diferentes momentos do dia, o que pode fazer com que um mesmo veículo pareça vários. Por fim, os autores parecem ter, *a priori*, confiança nas identificações de equipamentos feitas por fontes cujas reais habilidades são desconhecidas. Pode-se ter dúvidas legítimas sobre certas identificações dado o estado dos destroços, pouco reconhecíveis, especialmente quando se especifica a suposta versão do equipamento.



Tanque identificado como T-72B3 russo de acordo com uma fonte ucraniana (?).

Deve-se ter em mente todos esses elementos ao fazer interpretações a partir dessas informações. Na realidade, como podemos perceber, esse trabalho de compilação deve ser tratado com cautela. Não permite, de forma alguma, elaborar uma avaliação quantificada das perdas de uma ou de outra parte. Infelizmente, quase todos os comentaristas confiam em números fornecidos sem a menor perspectiva e inferem um estado das forças russas e ucranianas. Aqui caímos no viés do analista que se distancia cada vez menos da informação que lhe convém.

Afinal, acessar o site da ORYX tranquiliza aqueles que tomaram o partido dos ucranianos, porque mostra uma desproporção muito significativa de danos e sugere que o exército russo está à beira do colapso devido às suas perdas. No entanto, excetuando as imagens pura e simplesmente fabricadas (como vimos a partir de imagens de videogames que circularam na internet, mesmo que tenham permanecido relativamente anedóticas), tudo o que essas fotos de equipamentos destruídos ou abandonados mostram também corresponde a uma determinada realidade. As perdas sofridas pelos dois exércitos são enormes e em proporções que não foram experimentadas na Europa desde a Segunda Guerra Mundial.

Se esses trabalhos de compilação não são OSINT, tampouco são totalmente desprovidos de interesse. O trabalho de *upload* é necessário e economiza tempo. São, portanto, ferramentas valiosas que devem, no entanto, ser utilizadas com a necessária perspectiva e lucidez para não super-interpretar os elementos fornecidos.

O trabalho de compilação de informações encontradas na internet pela mídia, escolas, *youtubers* ou blogueiros é de qualidade muito variável e, no caso desse conflito em particular, muito ligada ao preconceito das pessoas. Diante da emoção gerada pelo conflito, muitos têm dificuldade em permanecer neutros. No entanto, algumas produções têm qualidade e resultam de um trabalho sério, mas isso não as transforma em informação. Na verdade, o trabalho de análise e inteligência exige diversas habilidades que raramente são encontradas em uma mesma pessoa. Não é à toa que os serviços de inteligência possuem especialistas em diversas áreas (políticas, econômicas, culturais, científicas, técnicas etc.) que intervêm de forma a transformar um determinado volume de informações de diversos tipos em inteligência utilizável.

Não, nem todos podem fazer OSINT. Isso pode ser aprendido e o trabalho deve respeitar uma metodologia precisa e rigorosa. Só porque uma informação é facilmente acessível não significa que foi filtrada e processada adequadamente. Na realidade, além de alguns *blogs* ou canais do YouTube de especialistas que analisam elementos relativos à sua área de atuação, são muito poucas as produções OSINT acessíveis. Ou encontramos o acompanhamento da situação no decurso dos acontecimentos onde a informação recolhida é georreferenciada sem interpretação e com os cuidados da linguagem; ou encontramos interpretações mais ou menos relevantes feitas a partir de informações selecionadas que estão ali principalmente para reforçar o ponto de vista do autor. Se o primeiro caso é de interesse informativo e às vezes é muito bem-feito, o segundo deve ser evitado, mas, em ambos os casos, não é de forma alguma OSINT.

Publicado no [Centre Français de Recherche sur le Renseignement \(Cf2R\)](#).

**Olivier Dujardin tem 20 anos de experiência em guerra eletrônica e processamento de sinais de radar. Exerceu sucessivamente funções operacionais em guerra eletrônica, no estudo de sistemas de radar e guerra eletrônica, e na análise e coleta de sinais. Ele também atuou como especialista técnico em sistemas de coleta de dados.*
